Dino d’Santiago vence mais um prémio nos EUA e quer unir países lusófonos

written by O Cidadão | 22 de Novembro, 2026



O músico Dino d’Santiago venceu o **prémio de Melhor Artista de Afro Jazz nos Diaspora Creatives Awards**, anunciou em Braga, onde revelou que pretende dedicar os próximos cinco anos a **promover encontros musicais entre países ligados pelo Atlântico**.

“Foi uma coisa que me deixou muito surpreendido“, afirmou o músico português de ascendência cabo-verdiana, no final de uma conversa no Festival Utopia, em Braga, revelando que tinha acabado de receber por telefone a notícia da distinção, atribuída numa gala realizada no sábado em Atlanta, na qual não pôde participar devido à sua presença em Portugal.

Os **Diaspora Creatives Awards** distinguem criadores africanos e afrodescendentes de diferentes áreas artísticas, espalhados pela diáspora mundial, tendo Dino d'Santiago sido distinguido na categoria de Melhor Artista de Afro Jazz, para a qual estavam nomeadas as também cabo-verdianas Lura e Mayra Andrade, bem como a angolana Aline Frazão.

O músico, que recentemente conquistou também um **Grammy Latino**, considerou que os prémios internacionais confirmam a importância do percurso artístico que tem vindo a construir entre Portugal, Cabo Verde e Brasil, país onde decidiu aprofundar as suas experiências musicais.

"***O facto de eu ter feito este trânsito, nascer em Portugal e explorar um pouco as minhas raízes em Cabo Verde e depois perceber que, para haver harmonia, eu necessitava de mais uma nota para ter a tríade e escolher o Brasil, tem sido uma travessia tão bonita***", afirmou, em declarações aos jornalistas.

Dino d'Santiago destacou a importância da colaboração com os brasileiros Amaro Freitas, pianista de jazz pernambucano, e Criolo, cantor e compositor de São Paulo, com quem gravou o álbum **"Criolo, Amaro & Dino", distinguido em 12 de novembro com o Grammy Latino de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira/Música Afro Portuguesa Brasileira.**

Para o músico, o projeto contribuiu para despertar o interesse do público brasileiro pela música e pela cultura cabo-verdianas, permitindo-lhe afirmar internacionalmente uma identidade artística construída entre Portugal, onde nasceu, Cabo Verde, de onde são originários os seus pais, e o Brasil.

A projeção internacional trouxe-lhe novos convites e oportunidades, mas o artista pretende agora desenvolver um projeto de circulação musical entre os países de língua portuguesa, recuperando o Atlântico como espaço de encontro.

"***Eu tenho mesmo um plano que vou concretizar, tenho a certeza,***

que é, realmente, utilizar este oceano Atlântico, que durante tantos séculos foi uma travessia de dor, e fazer um caminho inverso, um caminho de retorno, em paz, em prosperidade, trazer muita música, vários encontros“, explicou.

O objetivo do músico é **estabelecer uma circulação regular entre Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe**, privilegiando o contacto com os músicos, os públicos e as culturas locais.

“***Quero fazer essa dança durante uns cinco anos, pelo menos, estar nos locais, sentir as pessoas e ir com tempo para me demorar nessa travessia***“, acrescentou.

Para já, o próximo destino será o Brasil, onde tem uma digressão prevista, numa altura em que considera estar a consolidar-se uma nova fase de internacionalização da sua carreira.

A língua portuguesa, que une os países abrangidos por este projeto, foi também um dos temas abordados pelo músico, que criticou a sua apropriação por discursos nacionalistas e de exclusão.

Dino d’Santiago participou numa mesa com o escritor português João Tordo e o escritor angolano José Eduardo Agualusa, dedicada ao tema da língua portuguesa como território comum entre diferentes geografias e identidades.

A esse propósito, o músico defendeu que a língua deve ser entendida como um espaço de pertença partilhada, aberto à diversidade dos povos que a utilizam, e não como um instrumento para estabelecer fronteiras entre comunidades.

“***A nossa língua, que para mim é o único território que não precisa de passaporte para existirmos***“, não deve ser utilizada “***como uma ferramenta de opressão e de fechamento de oportunidades para outras pessoas***“, afirmou.

Para o músico, a globalização e a convivência entre culturas tornam cada vez menos sustentável uma visão fechada da identidade nacional.

“***Quando os povos se unem, se fundem, se aculturam, todos nós vencemos***“, defendeu.

Apesar da preocupação com o crescimento da extrema-direita, Dino d’Santiago mostrou-se otimista quanto ao futuro, considerando que o reforço dos discursos de exclusão está também a provocar uma reação em sentido contrário, favorável à diversidade e à inclusão.

“***O facto de haver uma extrema-direita forte fez com que o outro extremo da vida, que para mim é a luz, também cresça com mais força***“, afirmou.

O músico depositou particular esperança nas gerações mais novas, defendendo que os jovens e as crianças têm uma visão diferente da sociedade e estão mais disponíveis para questionar os modelos estabelecidos.

“***Essa provocação, a contracultura, felizmente, vai-nos levar para um lugar de mais inclusão e de mais amor***“, considerou, destacando que “***os jovens e as crianças já têm uma outra visão, são muito menos inativos do que as nossas gerações***“.

OC/MP